

Livros: objetos sujeitos a Individuação, sujeitos*

“O livro é a melhor invenção do homem”

Carolina Maria de Jesus

Proponho discorrer sobre a ideia de que livros, enquanto objetos, podem estar sujeitos a Individuação. Entendendo este processo como um vir a ser o que é, não só na pessoa, mas na pessoa com seus adornos e objetos, que a apresentam e a representam, especificamente a pessoa com seus livros. Na época atual, algoritmos e redes “sociais” geram fixação neurótica. A sociedade maníaca do consumo propõe os aparelhos celulares e consegue alterar, consideravelmente, o comportamento humano. Estou em defesa dos livros. Estes objetos que levamos conosco e trazemos ao corpo e alma, aos olhos, podendo mergulhar em sua potência criativa. Pessoas que amam seus livros e referenciam suas vidas neles, atualmente andam na contramão. Inspirei-me na Psicologia Arquetípica, que se propõe enquanto elaboração de uma psicologia que reconhece a alma no mundo, não só em nossa subjetividade. Também em função de minha experiência pessoal com livros determinados. Não mais a simples sensação de estar com um exemplar de determinado livro e lê-lo racionalmente. Mas sim a ampliação da sensação com o objeto e seu conteúdo, a ser lido, vivenciado e experienciado, sentido e intuído. Como se tivéssemos dialogando com o autor e sua alma, singularizando o objeto, envolvendo-se com ele. Seu conteúdo será matéria-prima potente, caminho e movimento para o indivíduo individuante que somos. Pressuponho que eles mesmos, os livros/objetos, a partir e em função da relação e movimento que estabelecem com pessoas e lugares, vão se tornando sujeitos. Ou ao menos podemos lançar esse olhar enquanto perspectiva.

Guardando potencialidades simbólicas, na forma e conteúdo, os livros/objetos vão se tornando sujeitos, condões em si mesmos: alguns. Aparte o fato de que representam em seu conteúdo a memória viva de seu autor, sua representação no mundo dinamiza-se, numa unicidade e movimentação que o caracteriza. Aquele livro com aquela história/estória participando da vida de alguém. Os livros esquecidos, emprestados, guardados como especiais, jogados num canto, que perpassam décadas

alimentando o imaginário de uma família, livros assinalados, deteriorados de tanto lido, nunca abertos, todos tem uma história neste mundo.

O livro em sua trajetória existencial é participante do desejo do escritor que o criou e do leitor que o incorpora enquanto decifra-o. Isto se amplia na medida que o livro-objeto é lido e influencia a vida do leitor, testemunhando a criação do autor. Em certa medida o leitor recria a obra quando o incorpora. Quando lido se transforma de palavra morta em seiva viva, podendo gerar. Um livro, desde que lido, já não é mais um só objeto. Portanto, já realizou um potencial, que vai espalhar-se. Torna-se um sujeito, um objeto individuante.

Ampliando a partir de duas perspectivas: sugiro inicialmente um excerto de James Hillman(1926-2011), em seu clássico e sugestivo livro: “Cem anos de Psicoterapia...e o mundo está cada vez pior”. Neste livro há um diálogo em que o autor propõe a “individuação dos objetos”. Em seguida enuncio relato de minha própria experiência com livros determinados: exemplares participantes de meu processo existencial, de individuação e Análise.

Vamos ao excerto de James Hillman (1992):

“A única forma que vejo de justificar o termo individuação nos dias de hoje é estendê-lo à individuação de cada momento da vida, de cada ação, de cada relacionamento e de cada objeto. A individuação dos objetos. Não se trata apenas da minha individuação, dessa que acredita num self interior, afasta minha atenção do mundo e desloca-a para o meu ‘processo’, a minha ‘jornada’. Nosso enfoque poderia ser a alma potencial do objeto – como tentamos fazer com este livro que estamos escrevendo. Nossa tentativa não é obter um livro bem feito em lugar de expressar e concretizar nossa personalidade subjetiva? Isso significa individuar todos os atos que cometemos e todos os objetos com os quais convivemos, realizando seu potencial (o movimento humano potencial voltado para fora, para além do humano), de modo que a dignidade, a beleza e a integridade próprias de cada ato e de cada objeto, seja uma maçaneta de porta, uma cadeira ou um lençol, possam estar plenamente presentes em sua singularidade. Peço que repensemos a moralidade da profissão, o valor da retórica e a verdade dos gestos corporais. Que façamos que objetos estejam ‘bem’ – sejam bem feitos e permaneçam em bom estado. Para tanto, precisamos do olhar individual capaz de ver o que Wallace Stevens chamou de ‘poema no

coração das coisas', essa essência imagética inata que chamei de semente. Assim, a individuação começa quando se nota, percebe-se, presta-se atenção ao que é específico daquilo que está diante de nós, para que possamos ser plenamente o que é. É o que a terapia tem feito o tempo todo, só que dirige sua atenção exclusivamente para os seres humanos. Curiosamente, assim como os humanos apresentam suas principais indicações de singularidade em suas patologias, também as patologias do objeto podem indicar sua essência específica, sua *raison d'être*.

A luz fria de um tubo fluorescente indica que a luz não está 'bem', mas também indica que o propósito essencial do tubo é iluminar. A alça de alumínio que abre a lata indica que está ali para facilitar o acesso ao conteúdo, mas corta nosso dedo. Como patologias humanas, também as patologias dos objetos estarão onde primeiro pousar o olhar do observador, a despeito da embalagem atraente. Michael, se não começarmos a especular e experimentar a individuação expandida ao mundo dos objetos, a ideia continuará presa no particular, 'eu mesmo', na alma que é muito minha, na minha jornada pessoal e **em meu** diário trancado em algum esconderijo; no gesto que aponta para além do mundo, para os recantos mais profundos do meu peito. Eu, oh, Deus! A ideia neoplatônica que sigo nesse livro e que norteia todas as minhas palestras não permite separar a minha alma do resto – criaturas, pessoas e meio ambiente. Se quiser, pode dizer que incluir as maçanetas e anéis de lata de cerveja estou tentando mudar a ideia de profundidade em psicologia, deslocando-a do interior da pessoa para a psicologia dos objetos, para uma profunda psicologia da extroversão. aguardo a resposta a este ensaio. O amigo de sempre, Jim”

Portanto não só livros, mas cadeiras, objetos de arte, celulares, talheres, latas, carros, fronhas e lençóis, jardins, plantas, animaizinhos, roupas, chaves, sapatos, movimentos, cores, tudo expressa alma inerente. Nossa alma é a alma do mundo, não há divisão. Então, estar atento ao que se passa, ao que o instante nos propõe, à ação - reação dos objetos e coisas, tudo isso pode ser uma forma tão natural de cultivarmos nossa alma. Um poema por exemplo, um único poema poderá revolucionar uma vida. Um determinado livro pode mudar o rumo completo de uma vida. E isso atinge milhares de vidas. Hilda Hilst (1930-2004), quando com 33 anos muda definitivamente

sua vida, a partir de um livro, que a faz criar a “Casa do Sol” e ali constrói uma obra magnífica, um marco para alma de artista e convívio com os animais.

"Quando eu estava com 33 anos, um querido amigo que morreu, Carlos Maria de Araújo, poeta português, me deu um livro de [Nikos] Kazantzákis: “Carta a El Greco”. Eu o li e fiquei deslumbrada. Era um homem que ficava lutando a vida toda até terminar de uma maneira maravilhosa, escrevendo um poema de 33 mil versos, “A nova odisseia”, onde lutava com a carne e com o espírito o tempo todo. Ele desejava ao mesmo tempo esse trânsito daqui pra lá. Era o que eu queria: o trânsito com o divino. E também o trânsito com o homem e todas as maravilhas da vida, o gozo físico, a beleza física do outro. Era um consumismo meu, absolutamente terrível, porque ofendia muito as pessoas. Eu me impressionei tanto com a caminhada desse homem admirável, que resolvi ir morar num sítio. Achei que, longe e de certa forma me enfiando também (porque eu era uma mulher muito interessante), durante um certo tempo bem longo, eu pudesse trabalhar, escrever. E foi maravilhoso. Foi justamente nesse lugar, nesse sítio, que eu, longe de todas aquelas invasões e das minhas próprias vontades e da minha gula diante da vida, pude escrever o que escrevi. Acho que é verdade que qualquer pessoa que deseje realmente fazer um bom trabalho tem que ficar isolada, tem que tomar um distanciamento. É mais ou menos uma vocação. Você sente que aquele momento é o momento e que não há muito tempo. Às vezes, as pessoas dizem: “Eu vou quando estiver mais velhinho, ou mais velhinha. Ou quando eu estiver pior. Aí eu começo”. Mas acontece que não dá tempo. Então, aos 33 anos, fui para esse sítio onde moro até hoje, e me entreguei a um novo trabalho".

Ampliando a partir de experiências próprias certa vez uma cliente atenta-se em seu processo de psicoterapia, que não tem o próprio quarto. Habita um quarto na casa das tias, constrói um quarto para o irmão na casa que herdou de seus pais já falecidos. Mas propriamente seu, que represente sua privacidade, não tem. Persiste em não habitar a casa herdada. E percebe que não há para si um lugar com sua própria identidade, em nenhuma casa. Lembra-se da cadeira abandonada da mãe, onde sentou a vida inteira, para ali costurar e ajudar a criar os filhos. A cadeira entra na Análise enquanto imagem. Indico-a minha restauradora de móveis antigos, que restaura a cadeira. Ali começa sua nova vida. Agora a cadeira poetizada a perturba

para a existência do quarto, numa casa. Ela então, inicialmente, começa viajar pelo Brasil e pelo mundo, habitando novos quartos, novos lugares, sua alma começa a passear. Inicia-se dentro dela o espaço para vir a habitar sua casa, construirá seu quarto na velha casa de seus pais, sua casa herdada.

Outro cliente, um artista plástico inicia a psicoterapia e após alguns meses se depara com transformações. Oferece como pagamento das sessões duas de suas obras, aceito prontamente e durante o tempo necessário do processo. Ele me fala: “Estas obras são personagens literários, para mim é um sacrifício fazê-las, porque nestes pequenos pontos de solda não consigo usar uma máscara de proteção, meu olho fica exposto ao perigo da solda”. Ele está entregando ali a representação concreta de sua Individualização. As esculturas, Dom Quixote de la Mancha e Virgulino Ferreira, o Lampião. As histórias literárias serão paralelas para nossas conversas, ampliações.

Mas quero citar aqui algo importante no campo das sincronicidades e no itinerário de livros determinados que permeiam minha vida. Para justificar a ideia de que livros podem estar sujeitos ao campo da Individualização, meus sujeitos.

Enquanto estava em processo de Análise Junguiana, agendei uma sessão e resolvi fazer breve passeio dentro da Universidade de minha formação, na UFPR. Nesta época as aulas aconteciam na praça Santos Andrade, em Curitiba. Observando cadeiras, janelas e escadas me comovi lembrando do tempo em que ali estudei. Descendo as escadas centrais e caminhando mais um pouco, fui “matando o tempo”, ainda faltava uma hora para tomar o táxi e ir ao horário combinado. Observei na lateral da Universidade uma nova loja de livros usados e imediatamente adentrei. Por impulso fui até a prateleira de esotéricos e quase que instintivamente puxei o primeiro título que avistei: O TAO-TE KING, de Lao Tzu, texto e comentário de Richard Wilhelm. Quando o abri na primeira página, avisto o carimbo e a assinatura de minha Analista. Que surpresa! Pensei: vou presenteá-la. Chegando à sessão, ofereço o presente e ela se surpreende, pois tais questões consteladas neste livro faziam parte de suas elucubrações e escritos recentes, ela reencontrou por minhas mãos o seu exemplar. Possivelmente emprestou e não devolvido, foi habitar o sebo. Ela o reencontrou em tempo oportuno: Kairós.

Em outra situação, após alguns anos de Análise, resolvi agendar uma consulta com uma nova analista. Fui de minha cidade a Curitiba e peguei um táxi em direção ao consultório da nova analista, indicando o endereço. O taxista, inusitadamente, disse-me que se perdeu e pediu permissão para parar o carro e olhar no mapa, a fim de localizar o endereço. Ele pega o mapa, aceito tranquilamente e então percebo surpreso que ele parou o carro exatamente em frente ao consultório de minha analista. Entendi o sinal, fui a consulta já sabendo que meu processo não seria ali. E sim onde o táxi me levou, em minha primeira analista. O Inconsciente não poderia ser mais direto.

Também em nossa trajetória de leitores, se observarmos atentamente, alguns livros são como faróis referenciais na noite escura. Vórtices na Individuação. Nietzsche (1844-1900) dizia que alguns livros são escritos com sangue, capazes de nos causar profunda transformação. Não só alguns livros, mas a obra de determinado escritor pode ser uma linha divisória no processo de ser e existir. Ferreira Gullar (1930-2016) dizia, por exemplo, que depois que um indivíduo descobre a obra de Carlos Drummond de Andrade sua vida não pode ser a mesma. Escritores são sempre profícuos leitores.

Identifiquei em minha trajetória alguns livros que cumpriram a função de vórtices na Individuação. Estes exemplares específicos são em meu consultório joias raras, pedras preciosas que posso visitar. Água pura e refrescante. Fogo efervescente. Terra caminho. Céu transcendente cujos ventos me batem na face evocando o Eterno. Como no Outono.

A Paixão segundo G.H e Água Viva, Clarice Lispector (1920-1977); Grande Sertão: Veredas, João Guimarães Rosa (1908-1967); A Poética do Devaneio, Poética do Espaço, A Chama de uma Vela, Gaston Bachelard (1884-1962) ; O Código do Ser e Cidade e Alma, James Hillman (1926-2011); A Intuição Filosófica, Henri Bergson (1859-1941) ; Memórias, Sonhos, Reflexões e o Livro Vermelho, Carl Gustav Jung (1875-1961); Bhagavad Gita, Tao The King, I Ching, Talks with Ramana Maharshi...

E para você? Quais livros e outros objetos são seus sujeitos, seus vórtices na Individuação?

** " Subjetos... palavra que unifica os termos sujeito e objeto; passou da fala à escrita e se refere aqui, ao mesmo tempo, a dois sentidos de sujeito: o sujeito da razão, do conhecimento e da prática; e aquele que sofria as consequências dessas práticas, aquele que estava ´sujeitado`a elas... a palavra sujeito surgiu por meio da oralidade, acerca da materialização da subjetividade, encontrada na experiência do movimento"*

Encantados e ...subjetos. Meira, R.B e Aglae, J. 2018, Edufu.

Referências Bibliográficas

HILLMAN, J; VENTURA, M. **Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior.** Summus Editorial, São Paulo/SP, 1992

[H HYPERLINK](#)

["http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/como-hilda-hilst-virou-hilda-hilst-por-hilda-hilst/"](http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/como-hilda-hilst-virou-hilda-hilst-por-hilda-hilst/) HYPERLINK

MEIRA, Renata B; AGLAE, J. **Encantados e ... subjetos.** Editora da Universidade Federal de Uberaba, Edufu, 2018.

Luciano R. Christóforo
Psicólogo
CRP08/06103
lucianochristoforo@ig.com.br
Instagram: @lucianochristoforo
Fone: (42) 99961-1766